

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO NORDESTE
FASCÍCULO • JUNHO 2022 • NÚMERO 7

COMUNIDADE TRADICIONAL PESQUEIRA E VAZANTEIRA DE CANABRAVA



BURITIZEIRO/MG
NORTE DE MINAS GERAIS

7

**Fascículo Nova Cartografia Social do Nordeste
Comunidade Tradicional Pesqueira e Vazanteira de
Canabrava
Número 7 | Ano 2022**

EXPEDIENTE

PERIODICIDADE: Irregular | IDIOMA: Português

EDITORIAL

NEA Nova Cartografia Social / UFRB

COORDENAÇÃO GERAL

Franklin Plessmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho

COORDENAÇÃO DA PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DO FASCÍCULO

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula (PPGDS/NIISA/OPARÁ-MUTUM/Unimontes) e Adinei Almeida Crisóstomo (PPGAS/UFRN/NIISA/OPARÁ-MUTUM/Unimontes)

EQUIPE DO PROJETO

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula (PPGDS/NIISA/PARÁ-MUTUM/Unimontes), Felisa Cançado Anaya (PPGDS/Unimontes), Rômulo Soares Barbosa (PPGDS/Unimontes), Sheilla Borges Dourado (PPGD/UFRN), Adinei Almeida Crisóstomo (PPGAS/UFRN), Matheus Vinícius Ferreira (PNCSA/Unimontes), Mauro Toledo Silva Rodrigues (PPGDS/Unimontes), Maria Cecília Cordeiro Pires (PPGDS/NIISA/OPARÁ-MUTUM/Unimontes), Maria Clara Souza Sanches (Ciências Sociais/NIISA/OPARÁ-MUTUM/Unimontes), Letícia Aparecida Rocha (CPP/MG), Neusa Nascimento (CPP/MG) e Laís Cristina Alves Rodrigues Assis (CPP/MG)

ELABORAÇÃO DOS MAPAS: Matheus Vinícius Ferreira (PNCSA/Unimontes)

FOTOGRAFIAS: Equipe Núcleo MG (PNCSA/Unimontes)

DIGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: Ana Paula Arruda

CONTATO

DIVULGAÇÃO: NEA Nova Cartografia Social / UFRB

ENDEREÇO: Centro de Formação de Professores Avenida Nestor de Melo Pita, 535 - Centro, Amargosa/BA, 45300-000

CONTATOS: ncsqne.ufrb@gmail.com

A coleção **Nova Cartografia Social do Nordeste** compreende um conjunto de trabalhos que registram mobilizações de Povos e Comunidades Tradicionais do Nordeste em torno da construção de conhecimentos que possibilitem dar visibilidade aos seus modos de vida, com destaque para conflitos que enfrentam e suas demandas aos poderes públicos. Refletem não somente a diversidade social e a gama de pontos de vista e suas respectivas práticas, mas, sobretudo, situações de conflito e conhecimentos intrínsecos aos processos reais e às realidades localizadas.

MORADORES DE CANABRAVA / PARTICIPANTES DAS OFICINAS

Maria Cassimiro dos Santos, Rosa Ramos da Silva, Antônio Pedro dos Santos, Roberto Carlos Terra Mota, Marcelo Diogo Soares Dias, José Cardoso, Clarindo Pereira Santos, Maria Cardoso de Oliveira, Antônio Pereira Ramos, Adelmo Maxuel Cardoso Alves, Joice Alves da Silva Santos, Rosimeire Alves da Silva, Gabriela Ferreira de Medeiros, Evelim Cacimira dos Santos, Katelin Vitória Souza de Jesus, Wilson de Jesus, Jennifer Ingrid Souza de Jesus Peres, Edmar Gomes da Silva, Alaria Neuzá Araújo Pereira e José Alves

REALIZAÇÃO

Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES (Núcleo - Minas Gerais)

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social - PPGDS

Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental - NIISA

Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco - OPARÁ / MUTUM

PARCEIROS

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social - PPGDS

Conselho Pastoral dos Pescadores - CPP

Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais - MPP

Irmãs da Divina Providência - SDP

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE TRADICIONAL PESQUEIRA E VAZANTEIRA DE CANABRAVA

Área Rural | Buritizeiro - MG | CEP 39.280.000

Ficha catalográfica elaborada por Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963

N???? Nova cartografia social do Nordeste / Comunidade tradicional pesqueira e vazanteira de Canabrava, n. 7 (jun. 2022) / Coord. da pesquisa: Andréa Maria Narciso Rocha de Paula e Adinei Almeida Crisóstomo, Cruz das Almas: EDUFRB, 2022.

Irregular

Coordenação geral: Franklin Plessmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho. 28 p.

ISSN: 2763-7174

1. Rio São Francisco. 2. Pescador. 3. Vazanteiro. I. Título.

CDU ????

“PESCADORES NA LUTA: CERCA NAS ÁGUAS, DERRUBAR!”

A Comunidade Tradicional Pesqueira e Vazanteira de Canabrava está localizada na margem esquerda do Rio São Francisco, no município de Buritizeiro-MG. São quarenta e cinco famílias às margens do rio e trinta famílias na ilha de Manoel Rendeiro / Buritizeiro-MG. O nome “Canabrava” foi identificado como a designação geográfica do espaço ocupado pelas famílias, às margens do córrego Canabrava, afluente do São Francisco. O modo de vida das famílias na comunidade está ligado aos ciclos das águas do rio São Francisco, composto pelas suas margens, partes altas e outras unidades de paisagens como as vazantes e as ilhas.

Dentro das práticas produtivas tradicionalmente realizadas pela comunidade estão: a pesca, a agricultura de vazante, a agricultura de ilha, agricultura do alto e criação de pequenos animais. Na década de 1970 essa configuração se esbarra com a expansão do modo de produção capitalista sobre a região do Norte de Minas Gerais. O avanço ocorre com a inclusão da região no Polígono da Seca, tornando-se alvo das políticas da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE. Como consequência dessas políticas é implementada na região, a “modernização conservadora”, com o protagonismo do Estado, a “modernização” dos



COMUNIDADE PESQUEIRA E VAZANTEIRA DE CANABRAVA

estabelecimentos rurais da região, o que acarretou na desarticulação de modos de vidas de povos nativos para dar lugar ao trabalho assalariado. Além das alterações nas relações de trabalho, as regularizações fundiárias são outra frente responsável por reorganizar de forma desigual a estrutura fundiária da região. O Estado se fez presente a partir dos órgãos responsáveis por mensurar e emitir títulos de propriedade. Dessa maneira, as comunidades que possuíam territórios coletivos, ou famílias que não possuíam os recursos financeiros

necessários para realizar o serviço foram prejudicadas, em que grandes parcelas ou mesmo a totalidade de suas terras eram espoliadas pelos latifúndios vizinhos, ou para instalação de grandes empreendimentos desenvolvimentistas. Em meio aos rompimentos dos vínculos de horizontalidade e as expropriações de terras, os moradores da comunidade de Canabrava tem seu modo de vida impactados.

Em 2005, as famílias da comunidade Canabrava, via Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Buritizeiro, na busca pela manutenção da posse tradicional de usufruto das margens do rio São Francisco, reivindica sua base territorial, através da regularização territorial no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a qual se realiza através da compra de terras, para fins de reforma agrária, porém o mesmo órgão arquiva o processo em 2015. Após terem sido frustrados pela atuação do INCRA, no ano de 2015 os moradores decidem por ocupar a sede da fazenda como forma de pressionarem o órgão a continuar com o processo de criação do assentamento de reforma agrária. Este cenário configura uma relação litigiosa com os atuais proprietários da fazenda, pois no dia 18 de julho de 2017 é

expedido um pedido de reintegração de posse em favor dos herdeiros da fazenda. Decorrente disso, apenas dois dias após da reintegração de posse, uma violenta ação é desencadeada, em que um grupo, a mando dos herdeiros da fazenda, incendeia e derruba várias casas da ocupação. E na situação atual de conflito ambiental pela posse do território, passam acompanhar também as situações de expropriação concernentes ao conflito pela posse territorial. Este é o contexto de impedimento do modo de vida tradicional baseado no plantio em vazantes e da pesca artesanal, que as famílias pesqueiras de Canabrava reivindicam a regularização territorial do seu espaço tradicional, de imediato via Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS), e posteriormente CDRU (Cessão de Direito Real de Uso), considerando a necessidade da regularização das áreas da União e seus recursos naturais como imprescindíveis para reprodução cultural, social, econômica, ambiental e religiosa da coletividade comunitária que utiliza conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição. A demarcação da sua base territorial, a partir de uma intervenção do Estado, se faz necessário para salvaguardar a reprodução do



seu coletivo que é: cultural, social e economicamente diferenciado. E tal reivindicação está amparado pelas orientações da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, conforme mecanismo jurídico, o decreto 6040 de 2017.

Referências: ROCHA, Leticia A. LOPES, Edivaldo Ferreira. AS CATEGORIAS: REGIÃO, COMUNIDADE E TRADICIONAL NO CONTEXTO HISTÓRICO DO GRUPO SOCIAL DE CANABRAVA, Anais Colóquio Internacional Povos e Comunidades tradicionais, Unimontes: 2017.



“A VIDA NAS VAZANTES, O CORRER DAS ÁGUAS...”

*Eu vim para cá em 2005, eu chegando aqui continuei o meu trabalho com a vazante, plantando um milho, plantando uma mandioca e pescando e a gente está aqui até hoje... Então, durante esse tempo, a gente está sempre nessa lida com rio com a margem do rio, a vazante. Eu sou lá do município de Santa Fé de Minas, então lá, os meus pais trabalhavam nesse mesmo trabalho, era a pesca, era a vazante, plantar, colher, então eu vim para essa região em 2005 e continuo com a mesma rotina... E eu vim para cá, porque o fazendeiro vendeu o terreno, então a gente veio em busca de um trabalho, para a gente sobreviver, até achar um local para a gente trabalhar. Na pesca e na vazante (...) ai Deus preparou esse local aqui que é a Comunidade Canabrava. **(Antônio Pedro dos Santos, 61 anos)***

*Nasci e me criei na beira do rio São Francisco. Conheço o Rio São Francisco de Bom Jesus da Lapa até Pirapora. Nasci e me criei nesse território aqui na Fazenda Canabrava. Meu pai era pescador profissional e plantava sempre na beira do rio, onde nós ficávamos, sempre na beira do rio e meu pai pescava e plantava. Eu nasci à metade dentro do barco e depois terminei de nascer dentro do carro de boi. Então nós morávamos na roça, toda vida nós moramos na roça e minha mãe grávida quando começou a sentir a dor do parto, entrou em trabalho de parto. Naquela época era muito difícil carro, nem tinha carro. Meu pai pegou minha mãe e colocou no barco e viajou com ela dez léguas, até chegar num lugar aonde tinha o hospital. Quando parou no porto do rio, eu já estava começando a nascer. Fui crescendo na beira do rio São Francisco aqui na comunidade da Fazenda Canabrava. Aqui meus pais faleceram, aí nós ficamos, a nossa família ficou como era uma comunidade um ajudava o outro, né? Tive o meu filho, tive sete filhos, sou mãe de sete filhos. Hoje eu já sou bisavó, já tenho nove netos e tem uma bisneta que chama Alana. **(Maria Cassimiro dos Santos, 59 anos)***



Eu criei três famílias aqui na beira desse rio, só nesse pontinho dali... Peguei tudo pequenininho, tudo na beira desse rio, nesse trabalho mexendo com pescaria, abóbora e criei eles todos aqui...

*Nós sempre pescávamos aqui, tinham umas casinhas ali... Do lado de lá, ali tem um pé de manga lá, a barra do córrego, a barra de lá do córrego, eu morei aqui eu fiquei aqui esse tempo todo, vim com 19 anos para pescar, e continuo até hoje, com a minha família e nunca desisti do rio. **(Gerson Alves dos Santos, 64 anos)***



“NÓS PLANTÁVAMOS, NÓS COLHÍAMOS, NÓS COMÍAMOS”...

A tradição de trabalho aqui, nós temos a pesca, nós temos um lugar lá... Que nós plantávamos, nós colhíamos, nós comíamos, nós vendíamos e nós dávamos para os outros. Época que nós acabávamos de limpar a roça, limpar tudo, que nós já tínhamos polido a roça, aí vinha, para sobrevivência nossa também, vinha o pequi, vinha o baru. E outras coisas mais, a cabeça de “nêgo” que muita gente conhece como panan. Então a minha vida, o meu conhecimento, foi todo aqui na comunidade, na nossa comunidade tradicional, então a minha vida foi aqui, a vida toda. Conheço mais do rio, meu pai era pescador então ele nos levava, nós dormíamos numa croa “ali ou acolá”. Aí voltava para a comunidade de novo,

cantavam: “o gabão de peixe, arribava de peixe”. Meu pai ia lá e nos levava nos deixava na croa porque ele pegava peixe. Era muito peixe, então tinha que salgar, o peixe era salgado. Fazíamos os fardos de peixe e aí levávamos para a cidade. Aí meu pai ia pescando, trazia e saía de manhã e chegava de tarde ou então ele saía à noite e chegava de manhã, aí limpava, salgava e ia guardando ali, ia fazendo os fardos, quando chegava ao final de semana, meu pai ia para Pirapora vender, ou em Buritizeiro, chegava lá já entregava na colônia de pescadores. Então a minha vida aqui foi e é assim... Foi na nossa comunidade que eu nasci e me criei e criei meus filhos que hoje já sou bisavô, criei sete filhos ali dentro. **(Maria Cassimiro dos Santos, 59 anos)**

Sou pescadora profissional artesanal, vivo aqui na Canabrava. Já tem muitos anos que a gente convive aqui. Meu pai mudou para lado de cá, e a gente conviveu aí muitos anos, pescando, trabalhando. Meu pai era fazedor de cerca... Aí casei, tive meus filhos... A Canabrava não é só essa região que a gente mora aqui não, é a fazenda toda, ela começa lá na ponta da ilha, Manoel Rendeiro, até aqui no Zé Baiano. Meu pai morava para baixo na beira do rio. Desde 1962 a gente foi vivendo aqui, a gente ainda tem a luta, mas eu fui criada aí nessa região da Canabrava.

Nós só vamos plantar depois que passa a cheia. Nós que somos católicos temos o santo de devoção, e nós temos muita devoção com o santo São José, que tem a cheia dele. Enquanto, não passar a cheia, a gente não planta. Porque se plantar antes, vem à cheia e rebuça. Fui nascida e criada na beira do Rio São Francisco onde vivo até hoje, graças a Deus. **(Maria Neusa Araújo Pereira, 58 anos)**

O PLANTIO NAS VAZANTES...



Atualmente estamos plantando só na ilha. Na ilha nós produzimos grãos, feijão, milho, fava. Agora mesmo já terminou a colheita de feijão, foi muito boa, feijão de arranca, o feijão de corda, a abóbora, melancia, o quiabo e a batata doce. Só que a batata doce está mais difícil por causa do ciclo da água, é porque não dá tempo dela criar raiz. A gente planta até quando ela está criando raiz, água vem e qualquer coisinha ali que umedece, ela apodrece. O período de final de março, a gente já começa a preparar a terra, porque a

gente fala na terra da vazante que é diferente da terra do alto, porque após a água abaixar, a gente tem que esperar passar a fermentação da terra, ela fermenta que dá uma febre, da uma febre, e tem que esperar aquilo passar.

A gente prepara, termina de preparar ela e planta, e até isso aí acontecer, e por isso nossa vida está ficando muito difícil, porque se no mês de abril, a gente ainda tem que esperar uns 15 dias ainda para essa febre passar para terminar de plantar, vai plantar maio, junho e julho, para agosto está colhendo, igual agora de agosto para setembro está colhendo, assim não dá, a gente não colhe um fruto maduro, a gente tem costume de colher madurinho. Aí complica muito, porque a parte

mais alta precisa de irrigação, porque ela seca muito e principalmente que eu não sei se é o que está vindo na lama, se é algum rejeito que vem dessa barragem que estourou lá em cima, e ela racha de um jeito, e seca de um jeito, endurece e fica parecendo o cimento paralisado. Então tudo isso a gente está enfrentando. A gente planta o lameirinho mais baixo, planta o alto, a gente molha às vezes com a bombinha ou até mesmo um regador, e planta o lameiro mais baixo, porque esse lameiro às vezes a gente o colhe mais é verde, colhe verde porque não dá tempo. O uso das águas, o controle das águas pela mão do homem está tirando as condições de trabalhar nas ilhas. **(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)**

O RIO SÃO FRANCISCO: OS CICLOS DAS ÁGUAS...



Tem a vazante que tem o lameiro, tem o lameiro da vazante e tem a parte mais alta da vazante, mas tem a área de várzea, que é onde a água alaga e seca, que é o local mais alto, esse é o local em que a gente planta mais alto, porque nem todo ano o rio vai lá, nem todo ano a gente vai, então lá a gente aproveita para plantar no período chuvoso. Esse é o melhor local para plantar, porque, por exemplo, o milho, para nós que criamos a galinha, o porco, nós temos que colher o milho seco, a gente come o milho verde para o nosso consumo, mas tem de colher o milho seco para a galinha e para o porco. Abóbora para criação de porco, por exemplo, ela tem que estar bem madurinha... Então o ciclo das águas de janeiro em diante é na parte alta, na parte mais alta, agora na parte de baixo da vazante, sempre é, do mês de abril para lá, era no mês de março que podia preparar e começar a semear a semente, mas agora não tem mais

condições de fazer isso, mas é de abril e no máximo tardar até o mês de outubro, já tem que está tirando e dando caminho para a água, porque ela vem pela mão do homem.

Hoje o rio está um metro e pouco acima do nível dele, mas era para ele está com a água dessa cor, da cor da terra, porque a água que vem de enxurrada, de chuva, mas ela está com água quase limpa, por quê? Porque a água é da barragem, é água que solta, eles estão soltando e ela está subindo. Aí no período chuvoso que precisa às vezes de água para o peixe subir, eles seguram, é tudo ao contrário da gente, tudo ao contrário do cotidiano natural que o rio precisa, eles (a barragem) seguram, aí o peixe não caminha para desovar, ou até mesmo para entrar nos lagos naturais, que são as lagoas para poder desenvolver ali. Então está tudo o contrário da vida da gente. **(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)**

“O CAMINHO DO RIO” ...

Esse barranco aqui é a encosta do rio, aqui é a terra colocada. É o barranco da fazenda Santa Maria, onde nós usávamos antigamente como um porto, mas hoje nós estamos sendo obrigados a usar como moradia. No período de outubro para novembro, a gente já tinha que está começando a se preparar, porque em dezembro, tem vezes que o rio vem até aqui em cima, como já passou aqui uns dois metros dentro dessa casa, então esse é o caminho do rio, nós estamos no caminho.

A gente já começa a preparar de acordo com a chuva, a gente muda mais para cima, coloca as coisas lá, cobre com a lona e fica por ali, às vezes vai procurar algum abrigo, na casa de um parente, mas fora, aí quando ele (o rio) baixa a gente volta e continua tudo novamente. O rio costuma subir aqui só em período muito bom de chuva, tem vezes que ele fica só lá embaixo.

Esse ano, nós não temos esperança de ele vir, que é até bom, quando ele vem, que ele alaga isso aqui tudo para nós é bom demais, porque com certeza ele vai deixar a lagoa, que deixa muita vida nessas lagoas, muita vida. É uma maneira do rio também

revigorar as terras. Que a gente planta na vazante, que a vazante ela vai cansando de todas as formas, mesmo com a gente procurando fazer uso o mais sustentável possível, a gente agride ainda, mesmo com a colaboração do Rio São Francisco, para amenizar um pouco essa agressão da gente, porque ele vem, ele vem reforçando, dando vida a essas terras, renovando ela. **(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)**



Meu pai era pescador, vazanteiro, mexia com as lavouras dele, então, foi à tradição que a gente acompanhou também. Então, a gente foi criado nessa região, uma hora na fazenda do lado, outra hora de baixo, na outra mais em cima. A gente demora um pouco na fazenda o fazendeiro fica de olho gordo porque a gente está melhorando as condições. Já falava, óh você tem que sair daqui, meu pai chamava Fortunato. Tem que mudar daqui Fortunato porque essa área aqui vou mexer com gado. Nós éramos nove irmãos, mas tudo aquilo era desculpa pra gente poder sair da área. A gente

saía e ia pra outro fazendeiro. Daí a pouco a gente já estava começando a melhorar, parece que os fazendeiros andavam coligado um com outro. Na hora que ele tiver melhorando as coisas a gente muda ele pra cá de novo. Da barra da fazenda do Pipiri pra cá, toda essa área era movimento pra gente trabalhar. Uma vez na fazenda Santa Terezinha, outra aqui na da Caldeira, aqui mesmo, na Canabrava, descia para a Pipiri, era esse tipo. A Taboa também, era o movimento da gente. Mas toda vida a gente foi pescador e vazanteiro. **(Edmar Gomes da Silva, 63 anos).**



“QUE TINHA FARTURA DE PEIXE, QUE NASCIA A FARTURA DA ROÇA” ...

Morávamos na ilha, nós saímos da ilha e fomos para Canabrava, saímos da Canabrava e ficamos na beira do barranco do lado de cá, e voltamos e ficamos na ilha. Essa tradição de reza é dos tempos antigos. Porque minha avó, quando a gente saía para ir passear, lá na Bica Grande, aí a gente saía e era muita gente, que era tudo de cavalaria, andava todo mundo a cavalo. Aí, quando dava a noite ela colocava a gente para rezar. Tem muitas rezas antigas de pedir chuva, de São José e tinha vezes, quando era na Semana Santa que a gente ia para lá, a gente rezava até o dia amanhecer, minha mãe foi ensinando a gente, a gente foi continuando a rezar... **(Maria Neuza Araújo Pereira, 58 anos)**

Por que eu voltei? Porque eu gosto muito daquele lugar, sou apaixonada, pelo amor de Deus, foi ali que o meu pai e minha mãe pisaram... E era aonde meu pai e minha mãe plantou muito e eles gostavam muito desse lugar aqui... Do tempo que eu vivia aí, gostei muito... Peguei muito surubim ali naquelas pedreiras do lado de lá da ilha, muito surubim em um lanço de rede, quando eu ia puxar, cada surubim que tinha, era bonito demais, minha paixão é aquilo ali, por conta rio também... **(Rosa Ramos da Silva, 48 anos)**

“SEMPRE NA BEIRA DO RIO, SEMPRE PESCANDO” ...



Sempre na beira do rio, sempre pescando. De Paracatu, vim para Buriti-zeiro, colocar os meninos para estudar. Meu marido Malaquias construiu a barraca na beira do rio e veio primeiro, depois eu vim, a gente ficou morando, pescando e plantando, fomos construindo as coisas, fizemos a casa, o pesqueiro. Fomos evoluindo, comprando as coisas, e sempre pescando, pescando e plantando. Até no dia que chegou a derruba, aí vieram, derrubou tudo, nós saímos, viemos para a ilha, mexemos aqui na ilha, plantamos e estamos até hoje. Sempre na pesca, pescando e plantando. **(Solange José dos Santos, 53 anos)**

“NÓS GERAMOS RIQUEZA” ...

Praticamente, nós podíamos falar que nós tínhamos riqueza. O que o outro lado pensa: não lá é um sofrimento. Nós geramos riqueza. Porque meu pai sobrevivia do Rio, né? Igual nós sobrevivemos até hoje. Mas não é como era antes que tinha muito peixe. Que tinha fartura de peixe, que nascia a fartura da roça. Então antigamente quando era no tempo de meu pai era bem melhor do que hoje. A convivência na nossa comunidade, é assim: quando um tem, o outro tem... Um traz para o outro, um compra para o outro o que falta, o que nós comprávamos era pouco. Hoje não, mas antigamente era pouco que nós comprávamos porque nós tínhamos da roça, hoje nós não temos.

Então nossa comunidade era muito unida. Época de festas, que tinham as festas tradicionais... Nossa Senhora Aparecida, nós tirávamos um dia para fazer o almoço para comunidade inteira, e já tinham um lugar certo, não tinha casona bonita, igreja bonita não. Mas ali, reunia todo mundo, fazia o almoço para todo mundo. Tinha a reza



de manhã, até meio dia, quando era meio dia em ponto terminava a reza. Aí todo mundo almoçava, aí ficava todo mundo ali naquela conversa e por ali já começava o forró. Aí começava o forró e todo mundo ia dançar. Dançava a noite toda, às 3 horas da tarde terminava o almoço, o sol esfriava mais e vinha todo mundo para beira do rio, entrava nos barcos e ia fazer a passeata. A gente fazia passeata aqui no rio, rodeava essa ilha. Então nós íamos soltando foguete cantando. **(Maria Cassimiro dos Santos, 59 anos)**

“UM RIO QUE SEMPRE NOS ACOLHE” ...

A história da comunidade tradicional pesqueira e Vazanteira de Canabrava, é uma história até muito boa de se dizer e muito dolorida também. Era uma comunidade muito pacata, com

um vínculo muito bonito e muito forte com o Rio São Francisco, uma comunidade sempre de muita fartura e de um viver tradicional muito importante para nossas famílias. Hoje a situação não é



das melhores, em função das opressões contra o povo tradicional. A gente vive hoje na resistência, não temos o que reclamar do Rio São Francisco, porque ele é um rio que sempre nos acolhe. Mesmo nos tempos ruins mais difíceis o rio São Francisco está presente em nossas vidas, nos acolhendo e nos dando condições de continuar a nossa tradição e a nossa cultura. A comunidade tradicional pesqueira e Vazanteira de Canabrava era uma comunidade que vem bem antes do povo mais antigo que é um povo pescador, vazanteiro que sempre teve o costume de cultivar pequenas vazantes. Do rio São Francisco eles sobrevivem da pesca artesanal. **(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)**

“O VELHO CHICO É UM RIO SAGRADO”...

O Rio São Francisco, ele representa a sustentabilidade, ele representa condições de vida para as famílias de barraqueiros, para as famílias do povo das águas, representa a vida, na realidade, porque eu acho que nós, sem o nosso “Velho Chico”, nós não somos nada. O rio São Francisco representa tudo para nós, porque eu sou uma pessoa muito agradecida e eu fui criado através das águas do rio São Francisco, dessas terras sagradas e suas vazantes, e casei com aquela ali, e nós criamos nossas duas filhas também com o acolhimento do rio. Então o Velho



Chico é um rio sagrado, muito agredido, mas é um rio sagrado, que ainda está dando condições de sobrevivência para milhares e milhares de

“OS ENCANTADOS E O VELHO CHICO...”

Antigamente na época tinha muito caboclo d'água aqui no rio, sabe? Nós pescadores mais velhos, púnhamos fumo, garrafa de cachaça para os caboclos. Como eu sou pescador, prometi aos caboclos um fumo, umas cachaças, marcava o lugar de entregar no rio, e em troca ele me dava dois ou três peixes.

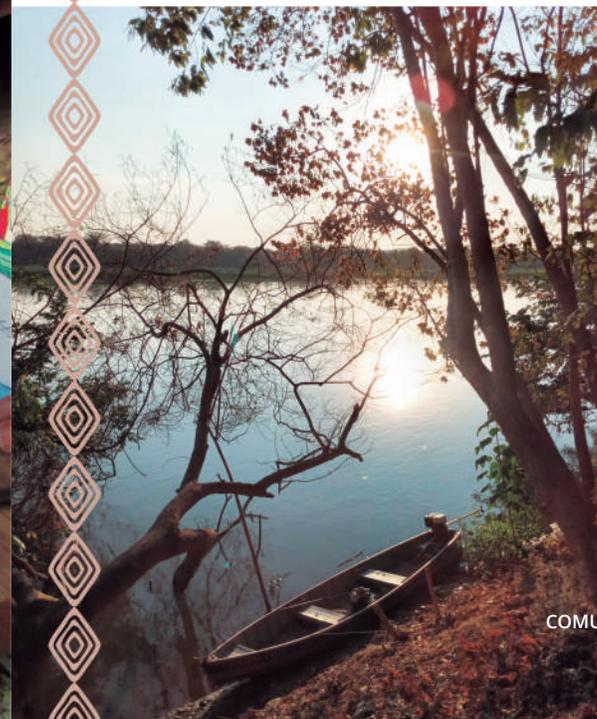
A gente amarrava os anzóis, chegava lá de manhã cedo e o pegava o surubim, sempre dava sorte, nós sempre tivemos sorte, só não tinha muito valor pra vender o peixe que na época não vendia quase... Não é igual hoje que ven-

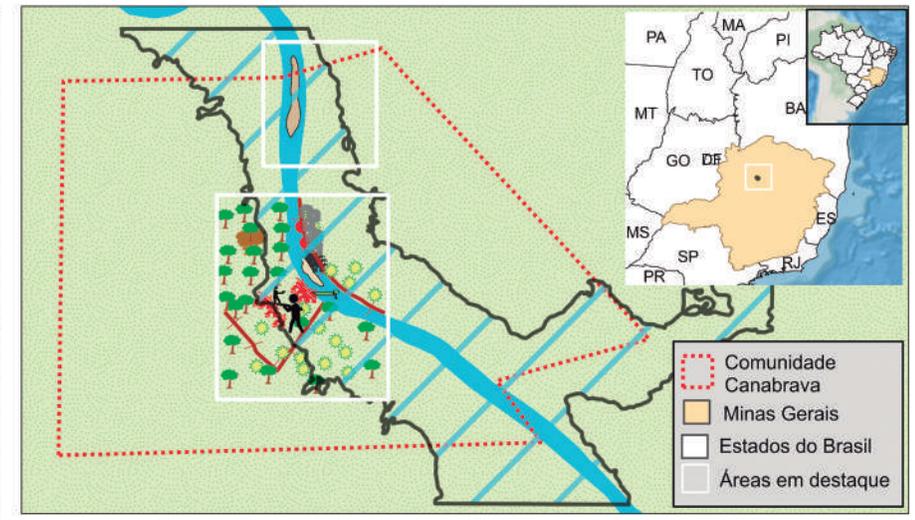
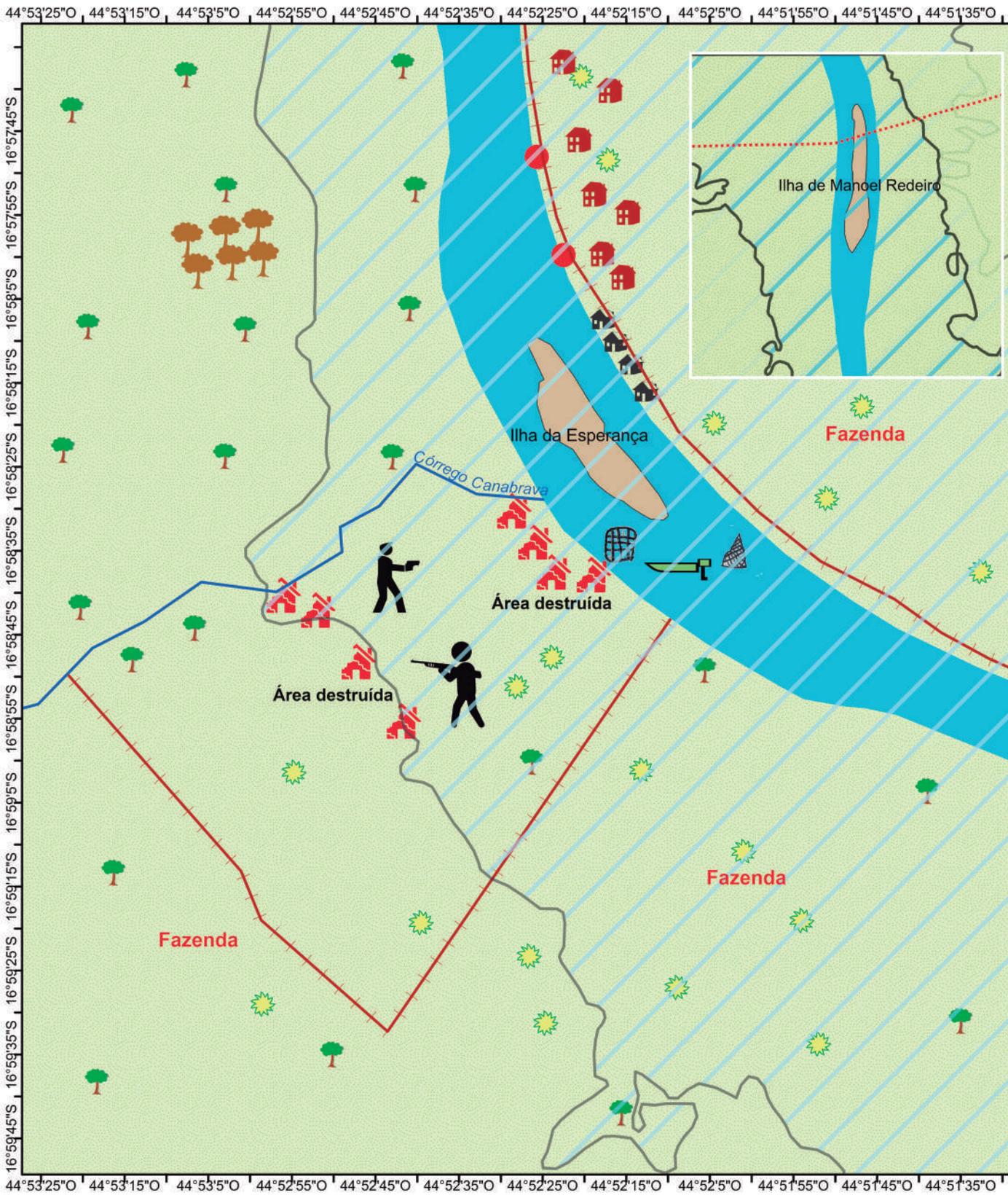
famílias, inclusive as nossas aqui da Comunidade Tradicional Pesqueira e Vazanteira de Canabrava. **(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)**



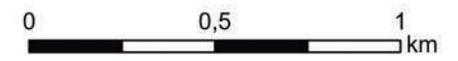
de tudo. Hoje você bate (a rede) e não pega quase nada. Os encantados são muito importantes para entender o rio.

Nós já vimos aqui Serepente penteando o cabelo. Quando nós íamos atrás dela, ela caía na água. A serepente sabe? Sereia? Nós chamamos de Serepente, a sereia do rio. Ela a gente via, ela vivia sentada, longe. Quando chegamos pertinho dela, ela afundava na água e não víamos mais não, tem uns pentes, lá em cima da pedreira que dizem que ela deixa quando cai na água distraída... **(Antônio Pedro dos Santos, 61 anos)**





Fonte: Croqui da Comunidade
Pesqueira e Vazanteira de Canabrava

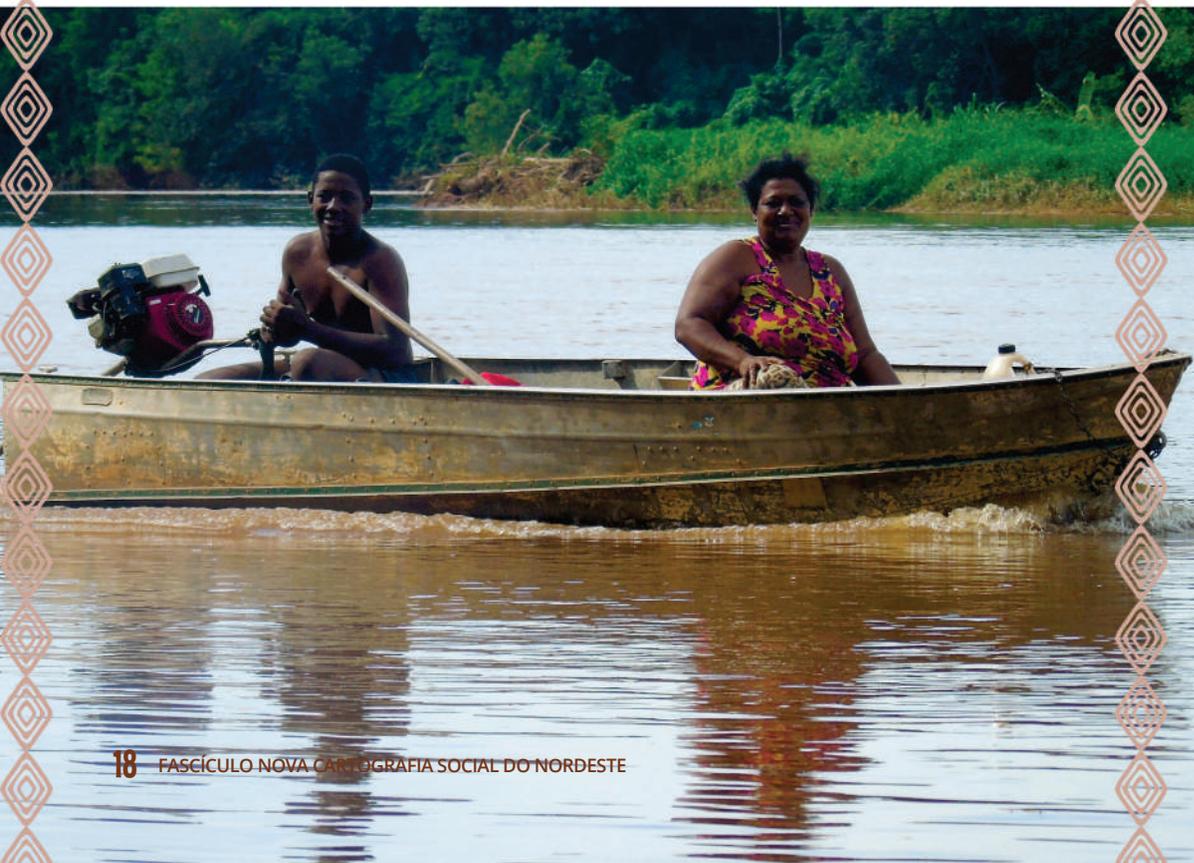


SIRGAS 2000 - Escala 1: 15.000

“PORQUE EU NASCI NA BEIRA DO RIO... TINHA QUE RESPEITAR A BEIRA DO RIO”...

O Compadre D'água é uma história que o povo fala que é história de pescador, mas eu já convivi, já vi aparições dele muito, porque eu nasci na beira do rio... Tinha que respeitar a beira do rio. Aquele que conhecia ele tem que respeitar, porque se barulhasse eles vinham e seguravam a embarcação... Quando não tombava a embarcação, porque nós tínhamos dois tipos de compadre d'água aqui, tinha um que a gente fala “o preto”, que ele era mais escuro, esse era pacífico. Agora tinha um vermelho e o vermelho era perigoso, muito perigoso. O “caboco cumpadi d'água” e muitos falam “caboco d'água”, porque como na região a religião é evangélica,

eles falam que é espírito do mar, espírito da água, caboclo. Mas nós chamávamos sempre de “cumpadi d'água”. Meu pai falava que já tinha visto ele e meu avô já tinha visto também. Ele tinha um corpo cabeludo e a cabeça carequinha, igual uma cabaçona, assim, cabeça carequinha e as orelhas meio, meio “negoçadas” assim, meio esquisita, mas o corpo dele é cabeludo e as mãos tem um, tipo pé de pato, negocinho na mão assim também, tudo cabeludinho, tudo cabeludo. Então isso é uma cultura que a gente tá perdendo, através do desenvolvimento, através do progresso... **(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)**



“A LUTA DA COMUNIDADE: ENTRE OS CONFLITOS E OS DESPEJOS...”

“AI VEIO O DESPEJO”...

Ai veio o despejo... Mais de duzentos policiais, eles me impediram de tirar as minhas coisas, as minhas coisas foram tiradas, eles falaram que iam levar para Buritizeiro, mas levou para Ibiaí e jogou lá de qualquer maneira, se eu não fosse lá para acudir eu tinha ficado no prejuízo... Aqui eu presenciei muitas coisas da comunidade, inclusive a gente foi despejado do nosso território e a gente ficou ali na barranca do rio, e de lá a gente veio para a ilha que até na ilha, tivemos ataque de policiais, a gente não foi preso porque a gente se humilhou, eu pelo menos me humilhei não quis falar nada com o policial e aí nós estamos aqui desse lado... **(Antônio Pedro dos Santos, 61 anos)**



“NÓS NUNCA CORTAMOS UMA ÁRVORE, NÓS NUNCA CORTAMOS UM PÉ DE PEQUI, NÓS NUNCA CORTAMOS UM PÉ DE CEDRO” ...

O sobrinho (do fazendeiro), de vez em quando ele vinha pra cá. Aí ele começou a desmatar. Cortar as aroeiras e nós descobrimos, porque nós da comunidade, nós nunca cortamos uma árvore, nós nunca cortamos um pé de pequi, nós nunca cortamos um pé de cedro, nós nunca cortamos uma aroeira. Nós denunciemos e ele não gostou. Aí ele ficou com raiva. Aí foi na

hora que ele mexeu com nossa comunidade. Aí agora ele entrou judicialmente para nos tirar, só que ele contou a história diferente. Ele não falou que nós éramos a comunidade tradicional. Ele falou que nós éramos sem-terra, nós não éramos sem-terra, quando os sem-terra chegaram, nós já estávamos aqui, nasci aqui. **(Maria Cassimiro dos Santos, 59 anos)**

“ACABOU DE NOS TIRAR, NÓS NÃO ÍAMOS MORRER” ...

O juiz interpretou do jeito que ele quis. Quando o juiz mandou o despejo para nós, foi quando saímos. O juiz mandou derrubar, derrubou nossas casas com tudo dentro, perdemos tudo o que nós tínhamos. Coisa de anos, nós perdemos tudo. Quando veio a ordem do desembargador que mandou parar. Ele parou aquele momento, eram 15 dias para ver como ia ficar. Chegou aí de novo com um jagunço, e foi que acabou de nos tirar, nós não íamos

morrer. Foi à vez que nós viemos para ilha. Passaram dois dias nós voltamos de novo para o nosso território. Ele veio com o jagunço de novo, nós tornamos a voltar de novo. Ele viu que não estava bom, tornou ir ao juiz de novo e pegou outra da ordem de despejo, de novo. Aí nós não podemos mais entrar, nós não íamos desobedecer ao juiz. Aí ele entrou com um pedido, nós viemos para a ilha de novo. **(Maria Cassimiro dos Santos, 59 anos)**

“FOMOS PARA A ILHA” ...

Fomos para a ilha, que não pertencia à fazenda, ele veio com a polícia, bagunçou nossas coisas, de lá do barranco, atirava em nós aqui na ilha, apontava a arma para nós. Porque quando o rio seca, o rio fica estreito. Então fica perto. Então eles atiravam em nós. E agora nós estamos até hoje em um território que não tem nada a ver conosco. O fazendeiro daqui não nos deixa nem fazer um barraco, nós temos que fazer aqui bem na beirinha do rio, e nós plantamos somente na ilha, enquanto aqui é abaixo do rio, enche, se vier água aqui nós perdemos tudo.

Igual foi agora, que aconteceu, que soltou água em Três Marias (barragem), nossas abóboras nem maduras direito ficaram, nem os quiabos estavam bons, nós não tínhamos colhido quase nada. O feijão teve que ser arrancado às pressas, porque soltou a água e na ilha já está entrando água. Cada um tem seu pedaço, é dividido ali 18 metros de largura e a largura da ilha, que eu acho que dá 70, é 18 por 70 é tudo dividido, cada um com sua conta certa. Aí todo mundo tem seu pedaço na ilha. **(Maria Cassimiro dos Santos, 59 anos)**

“ELES ATIRAVAM EM NÓS” ...

A vida era boa demais, a vida era muito boa, até no dia que o policial chegou lá e falou comigo assim: Você vai ter que ir embora daqui e eu falei: para onde que nós vamos? Ele pegou e falou assim: nem que nós ponhamos vocês no pátio... Eles foram quebrando tudo, derrubou até o pé abacate, afastou o pé de abacate que tinha lá... Por isso nós passamos do lado de cá da ilha aqui, eles atiravam em nós... **(Rosa Ramos da Silva, 48 anos)**





“NÓS TÍNHAMOS... NÓS ESTAMOS LUTANDO”...

Nós tínhamos escola, nós tínhamos padre todo mês, nós tínhamos médicos, nós tínhamos nossas casas, nós tínhamos água, e depois que aconteceu isso que nos expulsou, fazendeiro nos expulsou da nossa comunidade. Aí agora nós estamos aqui ao relento, não temos nada... Mas nós estamos lutando para nós voltarmos para o nosso território, a nossa comunidade...
(Maria Cassimiro dos Santos, 59 anos)

“NÓS SAÍMOS DO TERRITÓRIO”...

Nós saímos do território, porque a gente não tinha uma forte segurança, eles passariam por cima de tudo, a gente não tinha jeito de fazer um conflito com eles, porque não adiantava também fazer conflito com a polícia, era melhor obedecer e sair...

Ficamos meio sem chão. Ainda falei com o cara lá assim: Tem milho para colher, fava, os pés de mamão, cana mais para ali, olha as plantas, e os outros que tem em baixo, todo mundo tem para colher, não da tempo de colher nesses 15 dias...
(Solange José dos Santos, 53 anos)

“O REFÚGIO NA ILHA DA ESPERANÇA”...

Tivemos que nos refugiar na ilha da Esperança, uma ilha recém-formada. Criada pelo rio São Francisco justamente para nos acolher e hoje é a ilha que está nos dando o suporte de manter a nossa tradição, o cultivo das terras das vazantes, ali nós plantamos, abobora, melancia, quiabo, tomate, pimentão. De tudo que a gente leva para lá, essa ilha dá para a gente. E continuamos ai, na luta pela regularização do nosso território, continuamos na resistência junto ao rio São Francisco, junto a Ilha da Esperança e as famílias da comunidade tem esperança de retornar para o nosso território, porque nós precisamos de um território mais alto, porque vivemos no caminho do rio, ele tem um período que precisa desse caminho. Então nós temos que refugiar em um território mais alto, que é esse território onde, nós reivindicamos hoje que foi tirado com muita crueldade da comunidade.
(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)

O CONFLITO COM OS FAZENDEIROS...

Quem tirou foi à polícia, os policiais a Polícia Civil, a Polícia Militar de Buritizeiro, com ordem judicial. Com ordem do juiz, ao ser indagado que ou paralisado pelo Ministério Público que tinham comunidade tradicional aqui, foi paralisado para julgamento do mérito. Para ver a ação, e tinha 15 dias que iam julgar o mérito para ver se realmente tinha uma comunidade tradicional ou não, e nesses 15 dias, eles os fazendeiros, aproveitaram e destruíram o resto tudo, isso destruiu o resto, ficou um conflito muito grande porque aí foi os jagunços armados contra a nossas famílias, inclusive eu mesmo fiquei vários minutos aqui, ou quase meia hora na mira de uma arma de um fazendeiro aqui e depois outro jagunço dele, quando ele saía deixava o jagunço atirava na gente, mesmo aqui na ilha, eles atiravam de lá para cá, para que nós não voltássemos, os jagunços montaram campana e ficaram ai, mais de semana vigiando o nosso território, que é o território do Rio São Francisco e que nós usamos com sustentabilidade e isso foi acontecendo de forma contínua, até que realmente, eles viram que não tinham mais necessidade. Porque estávamos tão impactados e... Sabíamos que nós íamos perder até a vida. E resolvemos nos manter aqui na margem de represa do São Francisco, a nossa moradia, uma beiradinha aqui do Rio São Francisco é o caminho das águas e continuar cultivando a ilha da esperança. Cultivando a nossa cultura, até que a própria SPU veja o que pode fazer com a gente, que possa nos dar o direito, porque, sabemos que é de direito da comunidade o território, mas, enquanto isso não for lavrado em documentação. Que tenha a autorização de uso sustentável ou outro documento que garanta, nós estamos aguardando aqui resistindo e isso é uma complicação muito difícil. Porque diz respeito à terra da União, mas é terra que está entregue livremente aos latifundiários, eles fazem o que bem querem, eles usam dessa terra como querem, e tem muito ódio da gente, porque, inclusive quando nós retornamos para cá, que nós fomos expandir as nossas vazantes, eles usavam a vegetação da beira do rio São Francisco, cortavam tudo e levavam para o forno para fazer carvão, inclusive foi multada a fazenda, por conta disso, então, eles têm muito, muito, muito, ódio da gente por isso, porque, é uma forma de denunciar, porque, onde tem uma comunidade tradicional, sempre vai ter alguém do governo, ou, do ombro do governo, ou até, a fiscalização vai aproximar mais, porque, eles denunciam que nós é que degradamos. Então, isso sempre tem um órgão de fiscalização,

alguma coisa, é ver aquilo, e acaba punindo eles também. Porque eles é que destroem realmente, e isso vem aumentando os conflitos, vem cada vez mais, dificultando a nossa sobrevivência, porque, sobrevivemos da pesca artesanal nossa cultura do rio São Francisco, com a criação de nossos pequenos animais, hoje mesmo nós sentimos uma falta muito grande, porque além, de estar perdendo as nossas ciências, porque, nós somos cientes que pode cultivar na ilha, mas tem semente também, que tem que ser cultivado no alto, nas bases mais altas, então, nós estamos perdendo a nossa semente crioula, estamos perdendo os nossos animaizinhos, espécies a raça de nossos animais, que costumamos criar. Que são resistentes, então, estamos perdendo pela falta de nosso território. (Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)



“AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DOS CONFLITOS” ...

Estamos dividindo o nosso território com a pesca para esporte e recreio e essa modalidade ela está aumentando muito. Essa beira do rio aqui mesmo, ela está repleta de pousada de pesca para tudo quanto é lado, e o pescador amador ele não quer dividir o território com a gente. Então, está ficando muito difícil, porque, até a atividade pesqueira nossa, tem que desenvolver ela sempre à noite, depois das 20:00h, até ir clareando. Eles nos ameaçam, eu mesmo já fui ameaçado várias vezes no rio (...) eles cortam a rede da gente, vem com motor e passa cortam o material da gente, e outra coisa, e falando que a pesca artesanal está com os dias contados, porque é,

muito, muito, muito mesmo, aqui tem hora que você vai soltar um lance de rede, você não pode, mesmo de noite, têm vezes que tem 10, 15, 20, lanchas aportadas dentro do seu lance de rede, como você solta um lance de rede?

Então é um conflito muito triste que está aumentando que está acirrando muito essa questão da pesca também, já pensamos até em procurar o Ministério Público ou alguém para fazer um acordo de pesca, tentar fazer um acordo de pesca, porque, se continuar assim há pouco tempo à pesca artesanal vai ser extinta do nosso território, porque não vai ter como nós pescarmos. (Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)



“OS CONFLITOS TÊM IMPACTOS”...

Os conflitos têm impactos. Com o conflito da fazenda, como nós perdemos o acesso ao território mais alto, onde a gente produzia no período da chuva, onde a gente tinha condições de melhorar, a nossa semente, a nossa semente crioula, então isso dificultou muito a nossa produção, porque às vezes nós temos que comprar a semente que tem no mercado, e essa semente, nunca vem para você só colocar na terra, vem sempre com um pacote junto, né? E nós não gostamos de usar esses agrotóxicos, esse adubo que eles vendem lá, a gente usa da própria natureza.

A pesca esportiva tem causado impactos na pesca artesanal, hoje mesmo, eu pesquei a noite inteirinha, parei de pescar já umas três e meia para as quatro horas da manhã, para pegar um dourado de mais

ou menos três ou quatro quilos e os outros peixes pequenos. Os conflitos estão só cada vez mais aumentando, porque quanto mais para baixo mais o pessoal está “rataiando” essas beiras de rio, para poder fazer pousada, aqui mesmo tem umas. Aqui mesmo eu acho que já tem na faixa de umas, eu acho que umas 100 a 150 casas, aqui só no território que eles venderam. Essa área aqui da fazenda Santa Maria, ela está ameaçada também, não é para ficar aqui mais, porque eles já retalharam e saíram. O pessoal que vem de fora compra o terreninho e constrói esse rancho. É gente de São Paulo, Ribeirão Preto, é gente lá de Santa Catarina e vem demais, é demais, e todo mundo traz uma frota aí de 15 a 20 barcos e coloca ali, e como que vai sobrar um espaço para o pescador amador, tradicional, artesanal? Não sobra.

Então tá muito difícil, teve aqui uma situação muito difícil, na década de 80, 85, era tudo um deserto, era um deserto isso aqui. Isso aqui vai começar a aparecer, os primeiros ranchos de pesca, do lado de lá, em 2006 para 2007, daí para cá, pronto, e o negócio foi dando certo e depois foi chamando os outros e foi comprando, ali já tem praticamente um bairro, tem bairro urbano ali dentro, ali de tanta pousada. **(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)**



“CONTINUAMOS COM A NOSSA LUTA E RESISTÊNCIA PELA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA DO NOSSO TERRITÓRIO”...

Sempre sobrevivemos da pesca artesanal e dos cultivos das terras das vazantes do rio São Francisco, mas diante do aumento dos conflitos trazidos pela grilagem das nossas terras pelos fazendeiros em 2005, lutamos junto com o sindicato dos trabalhadores rurais de Buritizeiro pela regularização fundiária dos nossos territórios, em busca de paz, de sustentabilidade alimentar e por nossas moradias. Foram anos de muita luta, houve a inclusão de mais famílias e trabalhadores da agricultura familiar, trazidos pelo sindicato e juntos lutamos pela regularização fundiária, através do programa da reforma agrária. Não havendo um possível entendimento entre o INCRA e o fazendeiro, não sendo possível aquela regularização, o sindicato dos trabalhadores rurais levou suas famílias de agricultores familiares para outros projetos de assentamentos da reforma agrária do município. Assim as nossas famílias continuaram com a luta pela regularização fundiária do nosso território. Em 2017, o processo foi tramitado e julgado, assim manteve a liminar

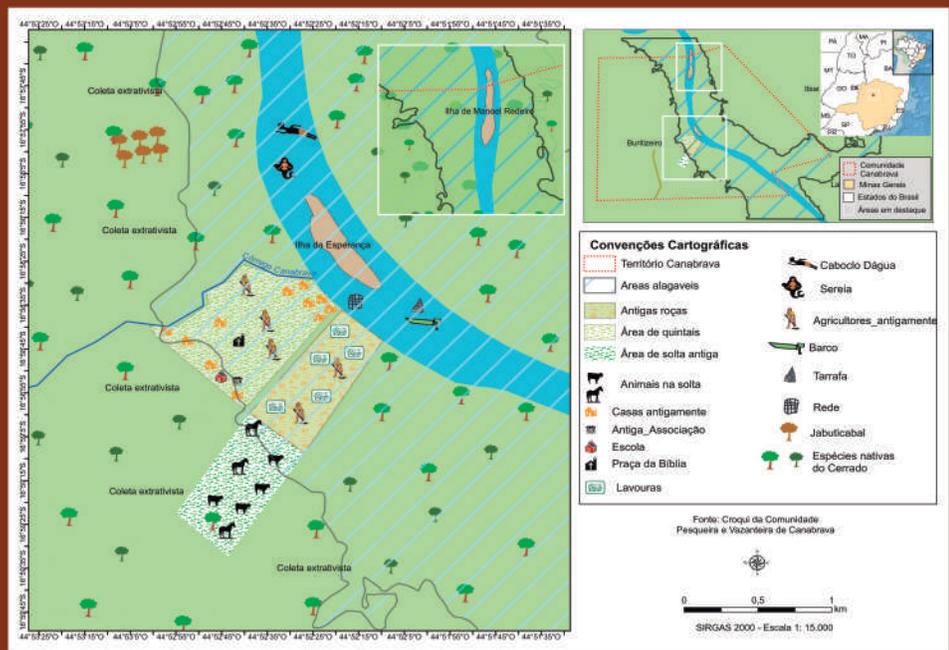
de despejo, trazendo a reintegração de posse para o fazendeiro. Nossa comunidade tradicional pesqueira e vazanteira foi despejada com muita crueldade, perdemos os nossos bens materiais e imateriais, mas continuamos com a nossa luta e resistência pela regularização fundiária do nosso território através da TAUS e do CDRU, emitidas pela SPU e assim continuamos a nossa luta, acolhidos pelo rio São Francisco, através da pesca artesanal e do cultivo das terras da Ilha da Esperança. Uma Ilha pequena, mas que está dando a condição de nós mantermos a nossa tradição e cultivar ali os nossos alimentos e através da pesca artesanal, tiramos o nosso alimento mais saudável das águas e também a nossa renda familiar. A comunidade tradicional pesqueira e vazanteira de Canabrava luta pelo Termo de Autorização de Uso Sustentável de imediato, até que assim seja possível a SPU ou qualquer órgão do governo que esteja relativamente dentro desse processo nos emita o CDRU. **(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)**



CROQUI DA COMUNIDADE PESQUEIRA E VAZANTEIRA DE CANABRAVA



MAPA DA MEMÓRIA E DOS “TEMPOS ANTIGOS”



NOSSAS REIVINDICAÇÕES

- Regularização do Território Tradicional Pesqueiro e Vazanteiro de Canabrava através do TAUS Termo de Autorização de Uso Sustentável;
- Pela CDRU - Cessão de Direito Real de Uso do Território.

As famílias da comunidade tem esperança de retornar para o nosso território, porque nós precisamos de um território mais alto, porque vivemos no caminho do rio, ele tem um período que precisa desse caminho. Então nós temos que refugiar em um território mais alto, que é esse território onde, nós reivindicamos hoje que foi tirado com muita crueldade da comunidade. Portanto, reivindicamos de imediato judicialmente uma área via TAUS, a qual foi anteriormente negada pela SPU. Esta área é uma demanda Emergencial da Comunidade Canabrava. E a regularização do Território tradicional via CDRU é nosso o objetivo. **(Clarindo Pereira dos Santos, 54 anos)**



SÉRIE: NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO NORDESTE

- 1 Tapuias Tairariús da Lagoa de Tapará/RN: origens, cultura e ambiente
- 2 Quilombo Rio dos Macacos
- 3 Quilombo Quingoma
- 4 Território Mendonça
- 5 Águas do Território Mendonça
- 6 Comunidade Quilombola e Apanhadora de Flores de Raiz
- 7 COMUNIDADE PESQUEIRA E VAZANTEIRA DE CANABRAVA



COMUNIDADE TRADICIONAL
PESQUEIRA E VAZANTEIRA DE
CANABRAVA



NEA
Nova Cartografia Social

UFPA
Universidade Federal do
Paraná

PNCSA
Programa Nacional de
Cientistas da Amazônia

